

DESCARTES E A MORTE DE DEUS

Coleção **FILOSOFIA EM QUESTÃO**

- *Pensamento ético contemporâneo*, Jacqueline Russ
- *Pitágoras e os pitagóricos*, Jean-François Mattéi
- *Pensar com Emmanuel Levinas*, Benedito E. Leite Cintra
- *Nietzsche – Viver intensamente, tornar-se o que se é*, Mauro Araujo de Sousa
- *Nietzsche: Para uma crítica à ciência*, Mauro Araujo de Sousa
- *Introdução a Ricoeur*, Domenico Jervolino
- *O sofrimento como redenção de si – Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*, Thiago Calçado
- *A pobreza e a graça – Experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*, Alexandre Andrade Martins
- *Introdução à mitologia*, José Benedito de Almeida Júnior
- *Mito e Lógos em Platão: Um estudo a partir de excertos dos diálogos República, Político e Fedro*, Kris Jareski
- *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*, Adair Aparecida Sberga
- *Descartes e a morte de Deus*, Joceval Andrade Bitencourt

JOCEVAL ANDRADE BITENCOURT

DESCARTES
E A MORTE DE DEUS



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bitencourt, Joceval Andrade
Descartes e a morte de Deus / Joceval Andrade Bitencourt. – São Paulo:
Paulus, 2015. – (Coleção Filosofia em questão)

Bibliografia.
ISBN 978-85-349-4151-8

1. Antropologia filosófica 2. Descartes, René, 1596-1650 3. Deus - Filosofia I. Título. II. Série.

15-01764

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128
2. Homem: Metafísica: Filosofia 128

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627
Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4151-8

Meus mais profundos agradecimentos:

*Ao Prof. Dr. Carlos Arthur R. do Nascimento,
pela competência e paciência que demonstrou ter
na orientação desta caminhada.*

INTRODUÇÃO

*“Descartes c’est un homme terrible à prendre pour maître; son oeil semble dire - ‘Encore un qui va se ‘tromper’”*¹.

Este trabalho inicia-se consciente dos riscos que se apresentam para quem pretende conhecer e interpretar a obra de Descartes como um todo ou mesmo um tema particular no interior desta. Não é recomendável tomar Descartes como tema de reflexão sem ter em conta a epígrafe desta introdução. De fato, Descartes parece anunciar, previamente, a todo aquele que pretende decifrar a ordem de sua trama filosófica, o fracasso de tal empreitada. O mar é revolto, o risco é sempre iminente; apesar disso, é preciso ir em frente, é preciso, tomando os devidos cuidados, lançar-se ao mar e navegar, regido pela esperança de que os ventos conduzam a nau em direção ao porto seguro e que o marinheiro possa, ao cair da tarde, contemplar a terra firme da razão cartesiana. Nesta empreitada, muitos são os guias que se apresentam para conduzir, estabelecer e interpretar a direção “correta” da nau filosófica de Descartes. Mas qual guia escolher? Em princípio, nenhum. A multiplicidade de

¹ ALAIN, *Histoire de mes pensées*, p. 253.

intérpretes e interpretações, quase sempre divergentes, em torno da obra de Descartes, não recomenda que se tome um intérprete ou uma perspectiva particular de interpretação como orientação de pesquisa. Neste encontro filosófico, grande parte dos mais ilustres e reconhecidos intérpretes da vida e da obra de Descartes encontram-se presentes, entretanto, a nenhum, em particular, será oferecida a cabeceira da mesa.

Depois de mais de trezentos anos de reflexão filosófica sobre a obra de Descartes, ainda é possível encontrar um nicho não explorado, esquadrinhado, conquistado pelos seus intérpretes, que possa servir de tema para uma investigação que tem a intenção de apresentar algo de novo? A resposta, aparentemente óbvia, seria um rotundo não. Descartes seria terra conquistada, demarcada e cercada – com arame farpado – pelos desbravadores de suas veredas filosóficas. Neste sentido, parece que Descartes não teria mais nada a dizer que já não se encontre sob pleno domínio de seus mais ilustres intérpretes. Já não há mais silêncios no texto cartesiano, tudo já foi dito. Descartes deixou-se revelar por inteiro.

Engana-se quem assim interpreta as possibilidades oferecidas pelo conjunto das reflexões filosóficas que Descartes legou aos humanos. Talvez, não seja excesso afirmar que esse se apresenta, ainda hoje, com o mesmo vigor filosófico, com o mesmo espírito provocativo com o qual se apresentou na aurora do século XVII. Descartes é um

daqueles autores que não envelhece nunca; apesar da distância no tempo, provoca o espírito crítico de quem busca entender a grande *fábula* do mundo, entender e dar respostas às provocações intelectuais de um mundo já antigo, que se apresenta, a cada instante, em toda sua complexidade, cada vez mais novo. Retornar a Descartes para melhor decifrar a trama com a qual tece sua filosofia, para melhor entender a ordem de seu próprio sistema, é buscar entender o tempo de hoje; é buscar entender as grandes questões filosóficas da atualidade que, apesar da passagem do tempo, eram também questões de Descartes. Querendo ou não o homem contemporâneo, em suas mais diversas manifestações intelectuais, é herdeiro do *cogito* cartesiano. Descartes é moderno, é contemporâneo; sua filosofia instaurou a modernidade e, até hoje, não se pode deixar de reconhecer que as raízes da árvore que alimenta o espírito filosófico do homem contemporâneo, encontram-se nos princípios da filosofia cartesiana.

Mas qual Descartes será tomado como objeto de reflexão neste trabalho? O Descartes da ciência, sem metafísica? O Descartes que subordina a ciência à metafísica? O Descartes que busca, através da moral, a paz, a felicidade e o bem estar do homem nesta vida? É possível dizer que essas três vertentes do cartesianismo tornam-se alvo e unificam-se como objeto de reflexão deste trabalho. Assim, Descartes será acompanhado nestes três momentos aparentemente distintos e independentes, mas que

estão inter-relacionados, de modo que a compreensão de cada um deles, em particular, só se justifica quando relacionado e articulado ao conjunto da obra do Meditador. Descartes busca estabelecer uma unidade de todas as formas de conhecimento, uma só ciência que possa abarcar e unificar todo o saber humano. Consequentemente, a filosofia de Descartes encontra-se toda ela interligada, as partes encontrando seu sentido na ordem lógica do todo e o todo, por sua vez, encontrando nas partes que o constitui a base onde se justifica e se esclarece. Fracassaria quem desejasse destacar um tema particular e dar conta dele separadamente, sem contemplar o conjunto da obra de Descartes.

Se o tema escolhido for *Deus* e sua relação com a filosofia cartesiana, a situação torna-se ainda mais complexa, pois tal tema percorre toda a obra do Meditador, alcançando, inclusive, sua volumosa correspondência.

Sobre a presença de Deus na filosofia cartesiana, têm-se, neste momento, muito mais perguntas que respostas; espera-se que estas sejam oferecidas ao longo deste trabalho. Qual, verdadeiramente, é a função de Deus na filosofia cartesiana? Sua presença aí compromete a autonomia do sujeito no processo de construção da verdade? A filosofia de Descartes, seja na ciência, seja na metafísica, precisa realmente de Deus para garantir sua ordem de verdades? Quais os impasses lógicos enfrentados por Descartes para garantir e justificar a presença de Deus na ordem de seu sistema metafísico? A

presença de Deus na metafísica cartesiana é uma necessidade lógica ou uma concessão político-religiosa? Ao justificar a presença de Deus na ordem de seu sistema filosófico, não teria Descartes preparado as condições teóricas para se afirmar a “morte de Deus”? Depois de Descartes, ainda é possível falar de Deus como fonte legitimadora da verdade? Perguntas que podem ser unificadas em uma única: *quais as possibilidades e os limites da metafísica cartesiana?*

Os três capítulos que compõem este trabalho buscam responder essas questões, sem pretensão de esgotar o assunto ou mesmo apresentar uma resposta definitiva. Em filosofia, melhor, no conhecimento humano, não existem respostas definitivas. Para o próprio progresso do conhecimento humano, melhor que elas continuem não existindo. Assim, o que ora começa a ser apresentado não é um fato, mas só uma interpretação, uma perspectiva do problema, nem a única, nem a melhor; só mais uma forma, mais uma possibilidade de contemplar o livre vôo da razão cartesiana. Para tanto, buscou-se, através dos três capítulos que se seguem, percorrer de forma abrangente o território filosófico de Descartes, procurando entender o esforço intelectual deste, bem como as consequências desse esforço, para justificar e legitimar a presença de Deus na *ordem das razões* do homem.

No *primeiro capítulo*, *Descartes sem metafísica*, buscar-se-á mostrar que Descartes, antes de ser

um metafísico, é um cientista. Em sua reflexão, está preocupado em dar conta do mundo físico, em construir um novo sistema do mundo a partir de uma reflexão puramente racional, sem nenhuma especulação metafísica, sem nenhum interesse sobre a natureza de Deus ou a imortalidade da alma. Neste primeiro momento, Descartes não precisa de Deus para legitimar as conquistas de sua ciência. Poder-se-ia dizer que a intenção principal, não a única, deste capítulo é buscar entender os caminhos percorridos por Descartes para fundar uma ciência na qual a presença de um Deus justificador e legitimador de todo conhecimento verdadeiro não se faz necessária.

O *segundo capítulo, Deus na física cartesiana – uma física em busca de uma metafísica*, será desenvolvido em duas etapas. Primeiro, de forma quase descritiva, sem acentuar a intervenção crítica sobre o assunto, indicar o percurso através do qual Descartes constrói sua metafísica. No segundo momento, de forma mais reflexiva e crítica, buscar-se-á entender a virada filosófica de Descartes, isto é, a ordem lógica, as possibilidades, as dificuldades e os limites enfrentados por Descartes ao tentar fazer da metafísica o fundamento da ciência. Quais as dificuldades, impasses lógicos, encontrados por ele para fazer de Deus a base de sustentação de sua física. A orientação deste capítulo tem como alvo responder às seguintes perguntas: para além das questões

gnosiológicas, haveria questões políticas presentes na metafísica cartesiana? Qual o papel que o *cogito* e Deus desempenham na metafísica cartesiana? O *cogito* inviabiliza a presença de Deus como causa primeira na metafísica cartesiana? Deus inviabiliza a presença do *cogito* como causa primeira na metafísica cartesiana? A presença de Deus na filosofia cartesiana comprometeria a autonomia da razão? Seria a razão que se encontra subordinada a Deus ou é Deus que se encontraria subordinado à razão? Buscar responder a estas interrogações é buscar entender as possibilidades e os limites da metafísica cartesiana. Ao final deste capítulo estarão preparadas as condições gnosiológicas para, no primeiro momento, compreender-se a natureza do Deus cartesiano, saber como este se justifica na ordem lógica de sua metafísica; no segundo momento, preparam-se as condições para o capítulo seguinte no qual buscar-se-á identificar, na metafísica cartesiana, a origem da ideia da “morte de Deus” na razão Ocidental.

O *terceiro capítulo, Descartes: a origem da morte de Deus*. Buscar-se-á entender a natureza do Deus da metafísica cartesiana. Cabe-lhe buscar respostas a alguns questionamentos. É o Deus de Descartes o Deus dos cristãos ou um Deus da razão, um Deus dos filósofos? Descartes, ao subordinar Deus à ordem lógica, derivada da razão natural, não teria criado as condições teóricas para

afirmar a morte de Deus na ordem da razão? A presença de Deus na metafísica cartesiana é uma necessidade lógica ou uma concessão político-religiosa? Descartes teria deixado suas convicções religiosas alcançarem suas convicções filosóficas? Não teria sido depois de Descartes que, entre as mais diversas correntes filosóficas, estabeleceu-se a autonomia da razão em relação ao conhecimento verdadeiro, à construção de uma ciência que encontra na pura racionalidade humana sua base de sustentação, não sendo mais possível falar de um Deus que se afirma e se reconhece como o único Ser justificador e legitimador de todo conhecimento verdadeiro, de todo conhecimento que busca ser reconhecido como ciência? O Deus da revelação cristã teria como, sem perder sua aura de mistério, sobreviver no universo estritamente lógico-matemático da metafísica cartesiana? É possível dizer que Descartes, mesmo que essa não tenha sido sua intenção originária, tornou-se o filósofo responsável por expulsar o Deus da revelação cristã do território da razão? Não teria sido Descartes o filósofo que fez Deus retornar ao território que lhe é próprio, o do mistério, da fé, da crença, ou mesmo da superstição? Descartes estaria realmente preocupado em construir uma metafísica ou o que busca, verdadeiramente, é construir uma ciência que possibilite ao homem o domínio da natureza, o conforto e a felicidade nesta vida? Por fim, uma última questão, que orientou os três capítulos deste trabalho: seria, de fato, Descartes o au-

tor a quem pode e deve ser creditada a autoria da “morte de Deus” na ordem do pensamento filosófico Ocidental? Responder a essa questão seria dar conta globalmente da filosofia de Descartes, supor um percurso de sua reflexão, perceber e percorrer os caminhos percorridos pelo Meditador na construção de seu projeto filosófico. Tal é a intenção deste trabalho.